

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 12
Número 1
Junho 2023

O EPISÓDIO DO CAMINHAR DE JESUS SOBRE AS ÁGUAS: UMA INTERPRETAÇÃO EXEGÉTICA DO TEXTO DE JOÃO 6.16-21

The episode of Jesus walking on water: an exegetical interpretation of the text of John 6.16-21

Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma interpretação exegética do texto de João 6,16-21. Episódio no qual Jesus caminha sobre as águas. Este artigo analisou os contextos (social, histórico, literário e gramatical) em que esta perícopes está inserida, para que desta maneira seja viável se aproximar da compreensão mais plausível que o autor original tentou com o seu texto. As minúcias nesta passagem mostram que o autor do Evangelho de João quer muito mais do que mostrar um evento milagroso, antes quer apresentar Jesus como o ‘Eu Sou’.

Palavras-chave: Exegese. Evangelho de João. João 6.16-21. Eu sou.

ABSTRACT

This article presents an exegetical interpretation of the text of John 6:16-21. That is the episode which Jesus walks on the waters. This essay analyzes the contexts (social, historical, literary, grammatical) which this pericope is inserted, for in this way approach to the most plausible understanding that the original author has attempted with his text. The details in this passage shows that the author of the Gospel of John wants much more than shows a miraculous event, rather he wants to present Jesus like the ‘I Am’.

Keywords: Exegesis. The Gospel of John. John 6,16-21. I am.

¹ O autor é mestre em Teologia pelo programa de mestrado profissional da FABAPAR; graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB/FABAT). E-mail: contato.gustavoalbernaz@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O Evangelho de João é o único Evangelho canônico que não é sinóptico. Essa pode ser uma diferença mínima para quem observa esse texto de maneira superficial, mas o Evangelho joanino traz questões muito próprias e que têm que ser analisadas de maneira séria e aprofundada.

O presente artigo desenvolve uma exegese sobre o texto do Evangelho de João 6.1-16. Neste artigo será realizada uma análise exegética desta perícopa. Primeiramente será analisado o contexto literário deste texto de João se encontra. Em seguida, avalia-se o *Sitz im Leben*, ou o pré-texto.

Este artigo propõe fazer uma análise literária desta perícopa, abordando o vocabulário, o gênero literário específico do texto delimitado e por fim traz dados específicos do Evangelho de João que são importantes para a compreensão do texto escolhido.

A última parte deste trabalho trata sobre a hermenêutica do texto, como pode-se interpretá-lo de maneira prática. Para isso, analisa-se a ideia central do texto, assim como dados teológicos relevantes e ao final fez-se uma aplicação teológica do texto.

1. O TEXTO E O CONTEXTO

O texto que se pretende trabalhar é João 6.16-21, episódio este em que Jesus caminha sobre as águas. O seu contexto imediato dentro do Evangelho de João será muito importante para a elucidação do mesmo. O texto que será abordado é apresentado a seguir:

¹⁶Ao entardecer, seus discípulos desceram ao mar ¹⁷e, subindo num barco, dirigiram-se a Cafarnaum, do outro lado do mar. Já estava escuro e Jesus ainda não viera encontrá-los. ¹⁸Além disso, soprava vento forte e o mar se encrespava. ¹⁹Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar. Ficaram com medo. ²⁰Jesus, porém, lhes disse: “Sou eu. Não temais”. ²¹Quiseram, então, recolhê-lo no barco, mas ele imediatamente chegou à terra para onde iam.²

O texto de João 6.16-21 é delimitado por indícios temáticos. Pode-se observar que o texto se inicia com “Ao entardecer”, indício de que o tempo mudou em relação ao texto anterior. O texto termina com a chegada de Jesus e seus discípulos a Cafarnaum e o versículo seguinte já inicia uma outra perícopa, o indício para isso é a frase “No dia seguinte” (v.22).

O texto de João 6,16-21 para alguns autores se encontra dentro do que vão chamar de Livro (ou Fonte) dos Sinais. Reid diz que esse livro ou fonte “se estende de João 1.19 até 12.50”.³ Koester, porém, acredita que a *Fonte Semeia* só abrange os seguintes textos: João 2.1-11; 4.46-54; 5.1-9; 6.1-21; 9.1-7; 11.1-44 e 20.30-31. Nas palavras deste autor, “essa fonte é uma coleção de histórias da propaganda helenística em que Jesus é exaltado como homem divino. (...) Jesus aqui se torna o deus que vive entre os homens, dotado de um poder divino que pode até fazer com que os mortos saiam de seus túmulos”.⁴

Portanto, pode-se como visto acima, alocar possivelmente a perícopa trabalhada dentro da Fonte (livro) dos Sinais. Nesse sentido, Dodd explica que o capítulo 6 é uma unidade e segue uma progressão. Primeiramente Jesus alimenta a multidão, ela o reconhece como “o profeta que deve vir” e procura fazer de Jesus rei. Jesus então se afasta da multidão e se refugia na montanha, os discípulos também estão separados dele e estão no “escuro”, mas logo vem a iluminação com Cristo andando sobre as águas e proclamando a fórmula sagrada “*Ego eimi*”. Logo depois Jesus faz seu discurso na sinagoga como sendo o “pão que desceu do céu”. As narrativas são simbólicas e significativas não apenas em si mesmas, mas em seu conjunto, pois trata-se de um *semeion* (sinal).⁵

² Bíblia Sagrada: **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 1857.

³ REID, Daniel G. (Edit.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova; Loyola, 2012, p. 749.

⁴ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2005, vol. 2, p. 201.

⁵ DODD, Charles H. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003, p. 455-456.

Uma pergunta parece ser fundamental para o entendimento deste texto com seu texto predecessor e posterior: Por que esse texto é colocado no meio da narrativa da multiplicação dos pães e do texto que a explica? É muito difícil supor que João aloca esse texto só pelas fontes as quais recebeu o fazem também, sem nenhum motivo teológico. Portanto, parece que esse texto está onde está porque a multidão viu em Jesus algum tipo de profeta ou rei, mas ele é mais que isso, ele é a presença de Deus no meio do Seu povo, e é isso que esse episódio quer mostrar.⁶

2. SITZ IM LEBEN

A data de composição e o contexto que gerou o evangelho de João tem sido muito debatido entre diversos autores. Brown entende que o período pré-evangélico de formação do Evangelho tenha durado várias décadas entre os anos 50 d.C. e 80 d.C., e só foi escrito aproximadamente no ano 90 d.C.⁷

Bortolini por sua vez acredita que o evangelho durou cerca de 60 anos para ser escrito⁸ e que não estaria concluído antes do ano 80 d.C.⁹ Já Schnelle sustenta a hipótese de que o evangelho foi redigido por volta de 100 d.C. Este autor ainda localiza a Ásia Menor como o possível lugar onde o evangelho foi redigido.¹⁰ Porém, Koester procura ser mais específico e afirma que “O Evangelho de João é produto de uma tradição especial que deve ser situada na Síria”.¹¹ Bortolini coloca a cidade de Éfeso como local da redação do evangelho.¹²

Brown vê a Palestina como o local de origem do movimento joanino.¹³ Ele afirma que a comunidade joanina começou entre “judeus de expectativas messiânicas bastante padronizadas, inclusive os discípulos de João Batista”.¹⁴ Posteriormente, samaritanos foram convertidos por judeus com opinião formada contra o Templo. Assim a comunidade joanina assimilou alguns elementos do pensamento samaritano, inclusive uma cristologia que não é centrada num Messias davídico.¹⁵ Isso explica muito da hostilidade dos chefes da sinagoga em relação a essa comunidade. Esse autor também argumenta, baseado no fato do autor do texto explicar termos como “Messias” e “Rabi”, que há sinais claros de componente gentio na comunidade joanina.¹⁶ Bortolini é um autor que sustenta as mesmas conclusões sobre a comunidade.¹⁷

Para Koester, a Palestina também é o ambiente natural do movimento joanino, porém a comunidade estaria fora da jurisdição do Sinédrio.¹⁸ Esse autor difere do anterior e afirma que o evangelho de João é um testemunho de uma compreensão gnóstica da tradição dos ditos de Jesus e de uma interpretação espiritualizada dos sacramentos.¹⁹

Outro dado importante e que deve ser levado em consideração é o fato de que a comunidade joanina estava em conflito com outras comunidades. Bertolini aponta conflito com: a) o “mundo” (no seu modo de pensar “mundo” aqui se refere ao sistema injusto que se opõe à ação de vida trazida por Jesus.); b) os judeus; c) seguidores de João Batista; d) cristãos ligados à instituição judaica; e) judeus que

⁶ MAGGIONI, Bruno; FABRIS, Rinaldo. **Os Evangelhos (II)**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 341.

⁷ BROWN, R. E. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 61.

⁸ BORTOLINI, José. **Como ler o evangelho de João: o caminho da vida**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 11.

⁹ BORTOLINI, 2005, p. 9.

¹⁰ SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 861.

¹¹ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2005, vol. 2, p. 194.

¹² BORTOLINI, 2005, p. 7.

¹³ BROWN, 1999, p. 40.

¹⁴ BROWN, 1999, p. 40.

¹⁵ BROWN, 1999, p. 39.

¹⁶ BROWN, 1999, p. 57.

¹⁷ BORTOLINI, 2005, p. 8.

¹⁸ KOESTER, 2005, vol. 2, p. 198.

¹⁹ KOESTER, 2005, vol. 2, p. 197.

foram expulsos ou abandonaram a Sinagoga e; f) as comunidades apostólicas.²⁰

Brown por sua vez vai dizer que a comunidade joanina tinha conflitos com os seguintes grupos: a) o “mundo” (esse autor deduz que as referências joaninas ao “mundo” se devem ao fato de que a comunidade joanina já tinha se relacionado bastante com os não-judeus a ponto de pensar que muitos deles não estavam dispostos a aceitar Jesus, assim como os judeus, portanto “mundo” era um termo conveniente para abranger tal oposição); b) os judeus; c) os adeptos de João Batista; d) Os criptocristãos (judeus cristãos dentro da Sinagoga); e) As igrejas de cristãos judeus de fé inadequada e; f) Os cristãos das igrejas apostólicas.²¹

3. ANÁLISE LITERÁRIA

Nesta seção pretende-se analisar alguns aspectos literários do texto em questão. Primeiramente, será feita uma análise lexicográfica, que nada mais é do que uma análise do vocabulário utilizado no texto. Separou-se apenas aqueles vocábulos que se consideram os mais importantes para a compreensão do texto.

Logo em seguida, analisa-se o gênero literário a qual pertence. Não é possível ter uma adequada compreensão do texto sem saber antes a que gênero literário ele pertence. Por fim, apresenta-se alguns dados específicos do Evangelho de João que se julgaram importantes para a devida compreensão de João 6.16-21.

3.1 VOCABULÁRIO

As palavras que foram escolhidas para a análise semântica mais detalhada e que são consideradas como as mais relevantes para o entendimento da perícopos são: mar (θάλασσαν / *thálassan*); escuro (σκοτία / *skotía*); caminhando (περιπατοῦντα / *peripatounta*), medo (ἐφοβήθησαν / *ephobēthesan* e φοβεῖσθε / *phobeisthē*) e Eu sou (Ἐγώ εἰμι / *Egō eimi*).

Mar (θάλασσαν): o “mar” neste texto é o que se chama hoje de o Lago da Galileia, porém no período da formação dos Evangelhos era comum chamar este lago de ‘mar’. Diferentemente dos gregos e dos fenícios, que eram povos marítimos, os israelitas nunca se arriscaram ao mar. Na teologia hebraica observa-se o mar em diversas passagens bíblicas: uma maravilha da criação (Sl 93.3s), o mar foi criado por Deus (Sl 95.5; 146.6), que o organizou fixando-lhes limites (Gn 1.9). Assim, Deus detém o poder sobre ele (Is 51.9; Jó 38.8-11), e a passagem pelo mar Vermelho ou mar de Juncos é uma das suas provas claras (Êx 14.16; Sl 106.9). Jesus exhibe que o poder de Deus está em suas mãos, pois o mar obedece às suas palavras (Mc 4.39) e ele caminha sobre as águas em João 6.19.

Além disso, o mar sempre impressionou a imaginação dos homens por causa da sua força destrutiva (Ez 26.3-4), de sua impetuosidade (Jó 38.8), de sua imensidão (Jó 11.9), de sua profundidade (Jn 2.6 s.) e dos assombros que ele encerra (Dn 7.2; Ap 13.1).²²

Bauer também faz uma análise desta palavra neste contexto. Para este autor nas culturas arcaicas, geralmente encontra-se a ideia de uma divindade do mar, o mais das vezes sob forma masculina, domando todas as águas, bem como a crença em distintos espíritos e demônios que habitam rios, fontes, etc. Nas cosmogonias dos antigos povos orientais sublinha-se o caráter agressivo do mar divinizado, o qual é vencido numa teomaquia. O próprio Gênesis 1 faz lembrar, em diversas passagens, as cosmogonias extrabíblicas; entretanto, o sentido da narrativa é totalmente diferente, pois manifesta, antes de mais nada, o poder, a personalidade e a absoluta autoridade de Javé sobre o mar. Assim como Javé no Gênesis mostra a sua força/autoridade sobre o mar, Jesus também o faz aqui neste texto quando caminha sobre as águas. Vela ressaltar que o único personagem que caminha sobre a água, em

²⁰ BORTOLINI, 2005, p. 9-10.

²¹ BROWN, 1999, p. 65-92.

²² REID, Daniel G. (org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola, Paulus, Paulinas, 2013, p. 855.

todo Antigo Testamento, é o próprio Deus.²³

Ainda nas palavras de Bauer os textos poéticos e proféticos do Antigo Testamento, descrevem a posição de Javé frente ao mar, usam imagens de combate e luta (Sl 104.6ss; Jó 38.8ss.) e de aniquilamento (Jó 9.8). É sobretudo frequente a citação de uma luta de Javé com os monstros marítimos (Jó 3.8; Sl 74.13; Is 27.1). Sendo assim, o mar desempenha também seu papel na apocalíptica e na escatologia bíblica. O mar oculta os inimigos de Deus (Sl 68.23; Am 9.3), bem como trevas e espíritos imundos (Mc 5.13). As águas do *tebôm* fazem crescer a árvore que representa o Egito, inimigo de Deus (Dn 7.2s; Ap 13.1-8), o bramir do mar é sinal da volta de Cristo (Lc 21.25) e só no fim dos tempos o mar desaparecerá, e com ele os perigos de destruição e da morte (Ap 21.11).²⁴

No texto de João o caminhar de Jesus sobre as águas ocorre entre a multiplicação dos pães e a explicação deste evento na sinagoga de Cafarnaum, onde Jesus se autointitula como sendo “o Pão da Vida” (Jo 6.34). Para alguns autores, como Maia que afirma que:

O poder de Deus se faz presente em Jesus ao dominar as forças adversas do mar. Este sinal, testemunhado apenas pelos discípulos, quer prepará-los para aceitar na fé a mensagem sobre o Pão da Vida que Jesus pronunciará na sinagoga de Cafarnaum (6.26-59). Referido sinal tem caráter de revelação e predispõe a escutar o ensinamento que se lhes seguirá sobre a fé. Os sinais no Quarto Evangelho querem chamar a atenção para a pessoa de Jesus, para sua obra - que são ações nas quais ele revela sua identidade divina: “Eu Sou” (Εγώ εἰμι). O “Eu Sou” (Εγώ εἰμι) de Jesus na epifania do lago iluminará a revelação que Jesus fará de si mesmo ao identificar-se com o Pão da Vida (vv. 35, 48, 58), e aos discípulos nos momentos difíceis quando terão que excluir todo temor para confessar com Pedro: “Tu tens palavras de vida eterna. És o Santo de Deus” (vv. 68-69). É clara, pois, a mútua relação que mantém entre si o sinal do caminhar sobre as águas e o discurso de Cafarnaum. O maná que os israelitas comeram no deserto e a passagem pelo mar estão intimamente unidos à evocação de sua primeira páscoa; a multiplicação dos pães e o caminhar de Jesus sobre as águas estão intimamente unidos a outra Páscoa, que está próxima (v. 4), em que se propôs primeiro, e depois se instituiria, outro Pão da Vida. Este sinal prepara, então, o ato de fé.²⁵

Kenner prossegue na mesma linha argumentativa quando afirma que a alocação desta perícopé neste contexto talvez tenha lembrado aos primeiros leitores a travessia do mar realizado nos tempos de Moisés.²⁶

Escuro (σκοτία): escuridão ou sombra. Brown e Coenen afirmam que:

A escuridão se aplica primariamente ao estado caracterizado pela ausência da luz (...). Assim, o homem que pode ver pode ficar cego na escuridão (...). Assim, a escuridão aparece como ‘esfera do perigo objetivo e da ansiedade subjetiva’.

O Novo Testamento emprega este grupo de palavras tanto no sentido literário como (mais geralmente) no sentido figurado. Ocorre com relativa frequência. *Skotos* 30 vezes; *skotia* 17 vezes, das quais 14 estão na literatura de João, sendo que ambos os termos significam ‘escuridão’ ou ‘trevas’ (...). Este senhorio de Deus se demonstra sobretudo em Jesus Cristo, a Quem Ele enviou para o mundo a fim de chamar Seu povo santo das trevas para a Sua maravilhosa luz (1Pe 2.9), para o reino do Filho do Seu amor (Cl 1.13). Este tema é retomado especialmente por João, que faz muito uso da metáfora da luz e das trevas. No prólogo do seu Evangelho é introduzido como um tema principal: ‘A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela’ (Jo 1.5). A luz e as trevas são colocadas em oposição nos escritos de João, assim como acontece com outros pares de opostos (vida e morte; verdade e mentira). Estes opostos são mutuamente exclusivos, como na pergunta retórica de Paulo, ‘Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas?’ (2Co 6.14). Uma decisão precisa ser feita em prol de uma ou outra, em prol de Deus ou contra Ele, pois Ele é a luz em Quem não há treva nenhuma (1Jo 1:5), ou, para ser mais

²³ KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 316.

²⁴ BAUER, Johnnes B. (Edit.). **Dicionário bíblico teológico**. São Paulo: Loyola, 2000, vol. 2, p. 658-660.

²⁵ MAIA, Tânia M. Couto. **Cristo, Pão da Vida (Jo 6.1-71)**. Fortaleza: Kairós Revista Acadêmica da Prainha Ano VII/2, 2010, p. 216.

²⁶ KEENER, 2017, p. 315.

preciso, em prol de ou contra Jesus Cristo que declarou ser a luz (Jo 12.46; cf. 8.12). É Sua Pessoa que providencia o padrão. Aquele que O rejeita se condena no mesmo ato (Jo 3.18-19). Aquele que nEle crê (Jo 12.46), do outro lado, e que a Ele segue (Jo 8.12), já não anda nas trevas.²⁷

De acordo com Carson, “as palavras: já estava escuro, e Jesus não tinha ido até onde eles estavam” podem ser simbólicas, como em João 3.2 e 13.30, em que a escuridão da noite e a ausência de Jesus estão poderosamente ligadas”.²⁸

Caminhando (περιπατοῦντα): andando ou caminhando. Os verbos são muito importantes para a interpretação de textos. Tenney nos diz que esse verbo “é usado tanto num sentido literal quanto figurativo. Quando usada figurativamente, tem a ver com a conduta ou maneira de vida, ou a observância das leis ou dos costumes”.²⁹

Craig S. Keener comenta que:

As ventanias eram frequentes no lago – ainda hoje são capazes de impedir que os barcos se arrisquem a navegar por ali. Dado o percurso de sua viagem (da margem nordeste à margem noroeste do lago), é provável que a travessia estivesse quase no fim; não havia mais a possibilidade de recuar. O fato de ainda não terem chegado indica que o vento contra o qual estão remando é forte (6.18). Os barcos pesqueiros eram equipados com remos; a vela não seria de muita utilidade nesse vendaval. (...) Vários milagregos pagãos alegavam ser capazes de caminhar sobre a água, mas esse tipo de milagres não fazia parte da tradição judaica da Palestina. No Antigo Testamento, Moisés, Josué, Elias e Eliseu partiram a água, mas só Deus caminhou sobre ele (Jó 9.8; cf. Sl 77.19, texto muito próximo de Sl 78.24, que provavelmente é usado em Jo 6.31).³⁰

Tem surgido certa discussão em círculos acadêmicos quanto a Jesus ter caminhado sobre o mar ou ter acompanhado os discípulos caminhando nas margens do mar. Sobre isto F. F. Bruce comenta:

Alguns comentaristas acham que João queria dizer que eles estavam acompanhando a costa e viram Jesus cortando caminho pelo mar. Na verdade, a frase *epi tēs thalassēs* pode ter este sentido quando o contexto o exige (como em 21.1), mas o relato sinótico usa os mesmos termos neste incidente (Mt 14.26; Mc 6.48s.), onde, com certeza o sentido é *sobre o mar*. Mateus 14.25 usa a frase *epi tēs thalassēs* (“sobre o mar”) no mesmo sentido, e tanto Mateus (14.24) como Marcos (6.47) dizem que o barco estava “no meio do mar”. É verdade que os termos dos sinóticos não podem determinar a exegese de João, mas João não costuma disfarçar o elemento milagroso na narrativa do seu evangelho.³¹

D. A. Carson complementa esse pensamento ao afirmar que “o contexto se torna o critério dominante”.³² Se os discípulos simplesmente viram Jesus andando perto do lago, é difícil imaginar por que teriam se assustado. Não pode haver dúvida razoável de que os sinóticos e João igualmente retratam esse evento como um milagre”.³³

Medo (ἐφοβήθησαν; φοβεῖσθε): terror, medo. Para Brown e Coenen, *phobos* e seus cognatos (ex. φοβεῖσθε) são frequentes no sentido de “medo”, “temor” e “reverência” diante de Deus (e.g. At 9.31; 2Co 7.1; Cl 3.22; cf. Ef 5.21, onde o objeto é Cristo). Este temor que sobrevém aos homens ao terem um encontro com Deus ou Seus mensageiros é evidente nas narrativas dos milagres de Jesus e dos apóstolos, como também nos aparecimentos de Cristo e dos anjos. Aqui no texto de João 6.20, assim como no Antigo Testamento, encontra-se repetidas vezes o mandamento “Não temas!” Ocorre no plural na história do nascimento de Cristo (Lc 2.10), de Jesus andando sobre as águas (Mt 14.27; Mc

²⁷ BROWN; COENEN, 1998, Vol. 1, p. 701.

²⁸ CARSON, D. A. **O comentário de João**. Santo Amaro: Shedd, 2007, p. 276.

²⁹ TENNEY, Merrill C. (org.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, vol. 1, p. 299.

³⁰ KEENER, 2017, p. 315-316.

³¹ BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 135.

³² CARSON, 2007, p. 276.

³³ CARSON, 2007, p. 276.

6.50), da transfiguração (Mt 17.7), e das palavras dos anjos e de Jesus no túmulo vazio (Mt 28.5,10).³⁴

Segundo Kittel e Friedrich:

Expressões que contenham palavras do grupo φόβος quase sempre descreve uma reação humana a encontros enérgicos. A escala das reações pode variar de terror espontâneo e ansiedade a honra e respeito, que prontamente pressupõe uma reflexão frente ao mistério da experiência. Consequentemente a validação da reação do medo traz consigo o entendimento da própria existência. Isso sempre oferece acesso ao autoconhecimento religioso do indivíduo e do grupo.³⁵

Eu sou (Εγώ εἰμι): para Kittel e Friedrich aqui (Evangelho de João) o εγώ é uma característica estilística das falas revelatórias do Filho de Deus que constitui a parte principal da pregação de Jesus. Em João o εγώ tem um maior significado conceptual. Uma longa série de *I-sayings* (frases de Jesus sobre si próprio) referem-se à relação do Filho com o Pai, que João concebe mais próxima e estreita que os Evangelhos Sinópticos. O εγώ cristológico no Evangelho de João é a palavra-chave para a visão cristocêntrica de mundo.³⁶ Para Reid:

As declarações “Eu sou” são peculiares ao Evangelho de João. Quando acompanhadas de um predicado (“pão da vida”, “luz do mundo”, “videira”), Jesus está falando da salvação que oferece aos seres humanos. Os casos sem predicado (Jo 8.24,28,58) são mais difíceis de interpretar. No Antigo Testamento, a expressão “Eu sou” é encontrada em situações em que Deus se revela a Israel. Também ocorre, notoriamente, como nome de Deus (“Eu sou o que sou”). Observe-se, porém, que na LXX a tradução dessa passagem crucial de Êxodo 3.14 é “Eu sou aquele que é”, ressaltando que a essência do ser ou da natureza de Deus é a existência divina e única: Deus é.

As declarações absolutas “Eu sou” têm nesse Evangelho o claro propósito de revelar algo acerca da pessoa de Jesus e constituem uma fórmula que faz alusão à forma veterotestamentária de revelação divina. No entanto, Jesus não está apenas usando um nome divino comum para se referir a si mesmo. A sua afirmação não foi entendida como “Eu sou Javé”. Em vez disso, como revelam essas declarações, especialmente em João 8, Jesus afirma partilhar da existência eterna de Deus. Ele possui vida em si mesmo (Jo 5.26) e poder para dar a própria vida e retomá-la (Jo 10.17,18). Também tem poder para dar vida aos que guardam a sua palavra (Jo 8.51; 17.2), exercendo assim a prerrogativa divina peculiar de dar vida. Em João 8, num dos debates mais acalorados com seus adversários, sobre o contraste com o tipo de vida de Abraão, a qual veio a existir (*genesthai*), a afirmação de Jesus de que “antes de Abraão existisse, Eu Sou” (Jo 8.58) mostra que seu tipo de vida é simplesmente “ser” (*egō eimi*, no tempo presente). Essas afirmações ecoam o que talvez seja o tema central do Evangelho de João: Jesus possui e medeia a vida eterna (Jo 20.30,31; v. Jo 3.16,36; 4.14,53; 5.21-26; 6.33,35,44,51-58,68; 8.12; 10.10,17,18; 11.25; 14.6; 17.2,3).³⁷

Alguns autores discordam deste posicionamento quanto a esta questão. Um exemplo é D.A. Carson, o qual afirma que as palavras em grego não querem dizer nada especial, assim os discípulos devem ter entendido a afirmação de Jesus apenas como uma autoidentificação, um simples “Sou Eu”.³⁸

Porém, muitos teólogos não veem esse texto com a simplicidade que Carson observa. São exemplos: J. Konnings, que declara que o termo “sou eu” evoca a atmosfera da teofania, mesmo que o primeiro sentido da expressão seja identificar a pessoa de Jesus é inevitável a associação com o nome

³⁴ BROWN; COENEN, 1998, p. 1266.

³⁵ “Expressions containing words of the φόβος group always describe a reaction to man’s encounter with force. The scale of reactions ranges from spontaneous terror and anxiety to honor and respect, which already presuppose mastery of the experience through reflection. Hence evaluation of the reaction of fear is closely bound up with the understanding of one’s own existence. It also offers access to the religious self-understanding of specific individuals and group” (KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1997, vol. 9, p. 192).

³⁶ “Here the εγώ is a characteristic stylistic feature of the revelatory speeches of the Son of God which constitute the major part of the preaching of Jesus. (...) In John the εγώ takes on greater conceptual fullness and significance. A long series of I-sayings refers to the relationship of the Son to the Father, which John conceives of far more narrowly and strictly than the Synoptist. (...) The christological εγώ in John’s Gospel is the catchword for a christocentric view of the world” (KITTEL; FRIEDRICH, 1997, p. 351).

³⁷ REID, 2012, p. 753-754.

³⁸ CARSON, 2007, p. 277.

de Deus, YHWH³⁹; Pheme Perkins comenta que diferentemente dos sinóticos João não conta este relato como uma história sobre a fé dos discípulos, mas como uma epifania para identificar Jesus como Deus⁴⁰; W. de Boor, por fim, acrescenta que não é o agir de Jesus que o faz Senhor e Salvador, antes é o que ele é, seu ser, que é a fonte de todas as suas ações, por isso o “Sou eu” possui sublimidade divina e é o mesmo “Eu Sou” que veio ao encontro de Moisés na sarça ardente.⁴¹

3.2 GÊNERO LITERÁRIO

Uma leitura superficial do texto o enquadraria no gênero de narrativas de milagres; abaixo constata-se o porquê dessa classificação estar equivocada.

Segundo Berger a narrativa de milagre não é um gênero literário à parte.⁴² Nas suas palavras, “o conceito de milagre/narrativa de milagre não indica um gênero literário; é antes uma descrição moderna de uma maneira antiga de se entender a realidade”.⁴³

As narrativas de milagres no Novo Testamento pertencem a outros tipos de gêneros literários. Os mais importantes são: narrativa sobre conflitos, demonstração, petição, simpósios, narrativas sobre a execução de uma ordem, ações simbólicas, relatos de prodígios, narrativas sobre conhecer e reconhecer, relatos de teofanias, biografia básica e relatos de visões.⁴⁴

Este texto é, portanto, classificado como Relatos de visões e audições, mais especificamente como Esclarecimento, isto é, “interpretação do que era enigmático. São textos em que se esclarece a identidade de um ser antes desconhecido. (...) É por esse meio que a identidade de Jesus é ‘esclarecida’ num acontecimento revelador”.⁴⁵

3.3 DADOS ESPECÍFICOS DO EVANGELHO DE JOÃO

Dois dados específicos do Evangelho chamam muito a atenção no texto de João 6.16-21. São eles: a figura do Discípulo Amado e a afirmação “Eu sou”.

Já foi dito anteriormente que um dos grupos com os quais a comunidade joanina estava em conflito era com os cristãos das igrejas apostólicas. Por causa disso existe no texto um contraste sempre muito forte entre Pedro e Discípulo Amado, que é o herói dessa comunidade. Contrapondo o seu herói ao mais famoso dos apóstolos a comunidade joanina está simbolicamente contrapondo-se a si mesma com às igrejas que veneram Pedro e os demais apóstolos.⁴⁶ Para atestar sua posição o autor utiliza vários exemplos:

Em cinco das seis passagens nas quais ele é mencionado, o Discípulo Amado aparece explicitamente em contraste com Pedro: em 13.23-26, o Discípulo Amado reclinase sobre o peito de Jesus, enquanto Pedro faz um sinal, pedindo-lhe informação; em 18.15-16 o Discípulo Amado pode acompanhar Jesus até dentro do palácio do sumo sacerdote, enquanto Pedro não pode entrar sem a sua ajuda. Em 20.2-10 o Discípulo Amado corre na frente de Pedro para o túmulo e, segundo lemos, só ele acreditou com base no que viu aí; em 21.7 o Discípulo Amado reconhece Jesus em pé na praia do mar de Tiberíades e diz a Pedro que o vulto é Jesus; em 21.20-23, quando Pedro, com um certo ciúme, interroga sobre a sorte do Discípulo Amado, Jesus lhe responde: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que importa?” Numa sexta passagem (19.26-27), em que o Discípulo Amado aparece ao pé da cruz, o contraste é implícito: Pedro é um dos que se dispersaram e abandonaram Jesus (16.32). Tais contrastes não podem ser acidentais,

³⁹ KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 153.

⁴⁰ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 768.

⁴¹ DE BOOR, Werner. *Evangelho de João: Comentário Esperança*. Curitiba: Esperança, 2002, p. 92.

⁴² BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 255.

⁴³ BERGER, 1998, p. 276.

⁴⁴ BERGER, 1998, p. 276.

⁴⁵ BERGER, 1998, p. 258.

⁴⁶ BROWN, 1999, p. 86-87.

especialmente quando em diversas cenas parece que João apresenta o Discípulo Amado para estabelecer o contraste.⁴⁷

É verdade que a figura do Discípulo Amado não está presente no texto, mas a sua influência é marcante já que em outra narrativa do Novo Testamento que relata Jesus andando sobre o lago (Mt 14.22-36) a figura de Pedro aparece como sendo aquele que Jesus chama para andar com ele sobre o mar e aqui o autor preferiu omitir esse fato (cabe a discussão se ele propositalmente omitiu essa parte ou ele compartilha da mesma fonte do relato de Mc 6.45-56).

Outro dado específico de João que o texto apresenta é a afirmação “Eu sou”, já analisada extensamente neste artigo. Essa afirmação é prova de uma cristologia mais alta que os Sinópticos. Como afirma Brown:

A Palavra que existia na presença de Deus antes da criação tornou-se carne em Jesus (Jo 1.1-14); vindo ao mundo uma luz (1.9-10; 8.12; 9.5), ele pode revelar Deus porque ele é o único que desceu do céu e viu a face de Deus e ouviu a sua voz (3.13; 5.37); ele é um com o Pai (10.30), de modo que vê-lo é ver o Pai (14.9); na verdade, ele pode falar como o divino EU SOU.⁴⁸

Portanto, “se o Nome de Deus (Eu Sou) é símbolo de sua verdadeira natureza, então a revelação do Nome que Cristo faz (Sou Eu), é aquela unidade do Pai e do Filho da qual dá testemunho”.⁴⁹ João aqui então faz o que é característico do seu Evangelho, que é apresentar Jesus como “a Palavra de Deus feita carne”⁵⁰, traçando uma linha que liga o Jesus histórico ao Cristo da fé.⁵¹

4. HERMENÊUTICA

Para Uwe Wegner, “hermenêutica” designa os princípios que regem a interpretação do texto, enquanto a exegese descreve as etapas que cabe dar em cada interpretação.⁵² Porém, neste trabalho definiu-se “hermenêutica” nos mesmos termos que definiram Fee e Stuart, que é “procurar a relevância contemporânea dos textos antigos”.⁵³

4.1 IDEIA PRINCIPAL DO TEXTO

Nessa narrativa de João esperava-se, assim como acontece nos Sinópticos, que Jesus caminhasse sobre o mar para ajudar os discípulos e que o milagre consistiria exatamente em aplacar a tempestade. Mas a ideia central do texto não é essa. João tem claramente uma outra intenção.

Em vez de uma tempestade acalmada pode-se falar de um desembarque milagroso (v.21). Mas nem isso interessa ao evangelista de modo particular. João não está desenvolvendo o tema de Cristo ajudando seus discípulos em dificuldades, mas quer antes dizer que Jesus é o Senhor majestoso, isento das limitações que a natureza impõe ao homem.

Em Jesus se manifesta a presença de Deus, majestoso e potente, livre e salvífico. Tudo isso está inserido no solene “Sou Eu” (v.20), que é equivalente do nome divino e, possivelmente, é o ponto central do episódio inteiro. Jesus escolheu o caminho do mar não tanto para apressar-se em ajudar os discípulos quanto para afirmar que ele é o Senhor, o Eu sou.⁵⁴

⁴⁷ BROWN, 1999, p. 86.

⁴⁸ BROWN, 1999, p. 47.

⁴⁹ DODD, 2003, p. 133.

⁵⁰ MARGUERAT, Daniel (org). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2015, p. 462.

⁵¹ CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 34.

⁵² WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 21.

⁵³ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entende o que lê?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 37.

⁵⁴ MAGGIONI; FABRIS, 1998, p. 341-342.

4.2 DADOS TEOLÓGICOS

Segundo Allen, há indícios nos relatos Sinóticos (Mc 6.30-33,45) para supor que os discípulos tenham encorajado o povo a ver Jesus como um novo Judas Macabeu (I Macabeus 1-4; II Macabeus 8-15). Se isto é verdade, explica-se por que não receberam bem, o seu Mestre, quando este buscou novo refúgio no monte, para orar “por si mesmo” (v.15; cf. Mc 6.46). Dispersada a multidão, o atribulado grupo se viu no meio da colina, fora do lar, temporariamente sem líder, quando a noite se aproximava veloz.⁵⁵

Separados de Jesus, os discípulos embarcam em direção a Cafarnaum. Por quê? Contrariamente ao relato sinótico, eles não foram obrigados por Jesus a precedê-lo na outra margem (Mc 6.45ss); sua partida só é motivada indiretamente pela observação “Ao entardecer”, que poderia sugerir um espera que se tornara vã. Outra observação segue o mesmo sentido: “Jesus ainda não viera encontrá-los”; ela se apresenta um pouco tarde no relato, quando os discípulos já embarcaram; mas, retardada assim, esta nota acentua mais ainda a ausência de Jesus. O leitor entra na pele dos discípulos: entregues a si mesmos, ficam suspensos pela volta daquele que os deixou.⁵⁶

O escuro (*skotía*) e a ausência de Jesus estão simbolicamente ligados⁵⁷, os discípulos estão envolvidos pelas trevas, já que a “luz” ainda não veio (v.17b, cf. Jo 1.5).⁵⁸ A tempestade também tem função no relato. Inspiradas em modelos bíblicos, ela salienta o caráter temível que o mar sempre teve para os hebreus. Embora o Criador lhe tenha fixado limites intransponíveis, o mar continua sendo na Bíblia⁵⁹ o domínio e o símbolo das forças malignas de que só Deus triunfa.⁶⁰

Assim Jesus vem. Não porque tenha visto, da margem, os discípulos esgotando-se de remar, como diz Mc 6.48. Em João, são os discípulos que “viram” Jesus aproximando-se da barca. O acontecimento é, pois, uma presença epifânica que, inesperada, não tem outro objetivo senão ela própria, e na qual transparece a condição sobre-humana daquele que se manifesta. “Ficaram com medo”, não porque acreditassem estar vendo um fantasma, mas diante de uma aparição numinosa, como nas teofanias bíblicas.⁶¹

Leon-Dufour se indaga sobre o final da perícopre: será que o fim do narro fala, apesar de tudo, de um salvamento? A resposta deve ser matizada. Na medida em que o mar agitado pelo vento representa uma situação ameaçadora, a terra representa o lugar contrário, onde o homem encontra segurança. Mais profundamente, é no exato instante em que os discípulos estão prontos para acolher Jesus que “o barco chega à terra para onde iam”: por acaso não equivale isso a dizer que, ao reconhecerem Jesus, eles passam logo do domínio da morte para o domínio da vida?⁶² Ou da insegurança e incerteza para a segurança e paz em Jesus?

4.3 APLICAÇÃO TEOLÓGICA

Nessa perícopre, observa-se que seguir na vida sem a presença do Mestre acarreta a mesma situação na qual estão os discípulos: sozinhos e em ao caos. A situação só se resolve quando aquele que tem o controle sobre todas as coisas, o Eu Sou, aparece e toma o controle da situação que os discípulos não têm nenhum controle.

A dificuldade em que Jesus tropeça é a mentalidade dos que persistem nas categorias do poder,

⁵⁵ ALLEN, Clifton J. (edit.). **Comentário Bíblico Broadman**. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 317.

⁵⁶ LEON-DUFOR, Xavier. **Leitura do Evangelho Segundo João**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 89.

⁵⁷ CARSON, 2007, p. 276.

⁵⁸ KONINGS, 2005, p. 153.

⁵⁹ Como já se observou (3.1) na análise do uso da palavra mar (*θάλασσαν/ thálassan*) neste texto.

⁶⁰ LEON-DUFOR, 1996, p. 89-90.

⁶¹ LEON-DUFOR, 1996, p. 90-91.

⁶² LEON-DUFOR, 1996, p. 91-92.

querendo fazê-lo um Messias-rei (Jo 6.14-15). Cristo, entretanto, não tem a sua eficácia nesse tipo de poder, e sim no poder do amor, que o torna presente na vida do crente e o tira do domínio da morte e o traz à vida.⁶³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discorreu sobre o texto do Evangelho de João 6.16-21. Observa-se que ao utilizar-se várias abordagens da exegese conseguiu-se avaliar a época da composição do escrito, além dos prováveis locais de composição e ter um quadro geral da comunidade ao qual o autor remete o seu livro.

Na análise dos vocábulos expostos observou-se como eles são importantes para o pleno entendimento desta narrativa do livro de João. Sem esta análise seria difícil perceber algumas particularidades escondidas no texto.

Ao final deste trabalho o texto de João passou por uma análise hermenêutica, onde observou-se que o texto do capítulo 6.16-21 tinha por finalidade apresentar a divindade de Jesus, e seu controle sobre todas as situações e circunstâncias para a comunidade a qual o autor remeteu o seu escrito.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Clifton J. (Edit.). **Comentário Bíblico Broadman**. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.
- BARRETO, Juan; MATEO, Juan. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BAUER, Johnnes B. (Edit.). **Dicionário bíblico teológico**. São Paulo: Loyola, 2000. Vol. 2.
- BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.
- Bíblia Sagrada. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BORTOLINI, José. **Como ler o evangelho de João: o caminho da vida**. São Paulo: Paulus, 2005.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BROWN, R. E. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulus, 1999.
- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland (Edits.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.
- BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CARSON, D. A. **O comentário de João**. Santo Amaro: Shedd, 2007.
- CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- DE BOOR, Werner. **Evangelho de João: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2002.
- DODD, Charles H. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003.
- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entende o que lêis? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

⁶³ BARRETO, Juan; MATEO, Juan. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 299.

- KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1997. Vol 2 e 9.
- KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. 2.
- KONINGS, Johan. **Evangelho Segundo João**: amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.
- LEON-DUFOR, Xavier. **Leitura do Evangelho Segundo João**. São Paulo: Loyola, 1996.
- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MAGGIONI, Bruno; FABRIS, Rinaldo. **Os Evangelhos (II)**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MAIA, Tânia M. Couto. **Cristo, Pão da Vida (Jo 6,1-71)**. Fortaleza: Kairós Revista Acadêmica da Prainha Ano VII/2, 2010.
- MARGUERAT, Daniel (org.). **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2015.
- REID, Daniel G. (Edit.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova; Loyola, 2012.
- SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- TENNEY, Merrill C. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. Vol. 1.
- WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 2016.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*